

Boletim do Núcleo de Agronegócio - Ano II nº 07 07/03/2005 - Fone: 340 3066

**Cotação de Preços (07/03/05)****Grãos** (Preço líquido pago ao produtor)Feijão - R\$ 55,00 a 72,00  
Fonte: COARP

Milho - R\$ 14,22

Soja - R\$ 25,11  
Fonte: COOPA-DF**Hortalças** (Preço líquido pago ao produtor)

Alface - R\$ 8,00 / cx de 7 kg

Beterraba - R\$18,00/ cx 20 kg

Cenoura - R\$15,00 / cx 20 kg

Chuchu - R\$ 8,00 / cx 20 kg

Couve Manteiga - R\$ 0,60 / maço

Couve Flor - R\$ 22,00 / Dz

Mandioca - R\$ 6,00 / cx 20 kg

Berinjela - R\$ 5,00/ cx 12 kg

Pimentão - R\$ 12,00 (C) a 14,00 (E)/ cx 12 kg

Repolho - R\$ 14,00 / sc 20 kg

Tomate - R\$ 20,00 / cx 20 kg  
Fonte: CEASA-DF**Fruticultura** (Preço líquido pago ao produtor)

Goiaba - R\$ 15,00/ cx 20 kg

Maracujá - R\$ 1,50/ kg

Limão - R\$ 5,00 / cx 20 kg  
Fonte: CEASA-DF**Pecuária****Bovino**Arroba - R\$ 55,00 NR e R\$ 56,00 R  
Fonte: FRIGOALFA**Leite**litro - R\$ 0,60  
Fonte: Araguaia**Suíno - Vivo**Kg - R\$ 2,85  
Fonte: Asa ALIMENTOS**Aves - Frango Vivo**Kg - R\$ 1,30  
Fonte: Asa ALIMENTOS**Carneiro**Kg - R\$ 3,00 (Borrego) - carcaça R\$ 7,00; R\$ 2,50 ovelha e carneiro para descarte - carcaça R\$5,80  
Fonte : LM**Recortes****Grãos: USDA reduz previsões para a safra brasileira e eleva estoques globais**

Relatório sobre oferta e demanda de grãos nos Estados Unidos e no mundo divulgado ontem pelo departamento de agricultura americano (USDA) sugere que a atual pressão sobre as cotações de soja e milho no mercado internacional deve perdurar pelo menos até o fim de abril, quando o mercado concentrará o foco no desenvolvimento da safra 2005/06 dos EUA. No caso da soja, alguns ajustes promovidos pelo USDA podem ser considerados "altistas" para os preços, mas o produto da soma de fatores alterados, segundo analistas, foi novamente "baixista". Conforme destacou a Agência Rural, poderia ajudar a elevar o atual patamar de negociações a redução da estimativa para a produção brasileira em 2004/05, de 64,5 milhões de toneladas previstas em janeiro para as atuais 63 milhões. A redução da demanda doméstica no país - de 35,87 milhões para 34,17 milhões de toneladas -, contudo, serviu de contra-peso, e a ampliação da projeção do USDA para os estoques finais globais (de 60,80 milhões para 61,35 milhões de toneladas) acabou por predominar.

Fonte: Valor Econômico,

**Preço e câmbio derrubam vendas externas de milho**

No primeiro mês de 2005, o Brasil exportou 84 mil toneladas de milho, pouco mais de 14% do volume embarcado em janeiro de 2004, quando 590 mil toneladas do grão brasileiro foram destinadas ao mercado externo. A distância entre esses dois números dá uma idéia das dificuldades que o setor enfrenta para exportar neste início de ano em decorrência dos preços deprimidos no mercado internacional e do câmbio valorizado no Brasil. Diante deste cenário, a expectativa geral é de recuo nas vendas externas de milho em 2005. Mas a intensidade de queda varia conforme o grau de pessimismo ou otimismo do interlocutor.

Fonte: Gazeta Mercantil Valor Econômico

**Exportações de frango devem manter aumento**

Os números de janeiro mostram que as exportações de frango brasileiras devem continuar crescendo. A avaliação é do secretário Executivo da Associação Brasileira dos Produtores e Exportadores de Frangos (Abef), Cláudio Martins. O Brasil embarcou 187 mil toneladas mês passado, gerando receita cambial de US\$ 199 milhões. Em volume, houve um aumento de 16,6% sobre o total embarcado em janeiro de 2004. Já em receita cambial, o crescimento foi de 20,53%..

Fonte: Folha de Londrina

## Apesar de tudo, soja ainda é lucrativa

Preços estão 35 acima do custo de produção. Problemas são localizados no Centro-Oeste

Lucia Kassai de São Paulo

É falsa a afirmação de que os preços da soja não estão remuneradores no momento. "As cotações estão baixas, mas para a grande maioria dos produtores os preços ainda estão em níveis razoavelmente remuneradores", diz Antonio Lafelice, presidente da trading francesa Agrenco.

Ele diz que os protestos de agricultores no Mato Grosso e em Goiás, pedindo intervenção do governo na comercialização e reclamando dos baixos preços, é uma situação regional. "Mato Grosso, Goiás e Tocantins estão numa situação mais difícil que o resto do País porque a falta de logística de escoamento da safra encarece os custos", diz Lafelice. "Mas no resto do Brasil, aos preços atuais, a rentabilidade está razoável", afirma. Os três estados respondem por aproximadamente 30% da safra brasileira.

Ontem, na Bolsa de Chicago — referencial de preços para o Brasil —, os contratos para maio alcançaram o maior patamar deste ano e encerraram o pregão a US\$ 5,53 o bushel, ou US\$ 12,19 a saca. No ano, as cotações acumulam uma modesta alta de 1% na bolsa.

Os preços, embora ainda baixos se comparados aos do ano passado — a soja teve queda de 35% nos últimos 12 meses —, são remuneradores para o produtor rural. "Com um custo de, produção médio de US\$ 6,50 a saca, o agricultor pode lucrar até 35 vendendo a saca ao preço atual de cerca de US\$ 10", diz.

Para Mato Grosso, Goiás e Tocantins a situação é diferente. Em razão da falta de infra-estrutura para escoamento da produção, o custo de produção chega a até US\$ 8,50 a saca, resultando num lucro de 15%. "Não podemos nos esquecer que, nos últimos anos, o agricultor investiu muito em silos e tratores e colheitadeiras, por isso nem sempre esse lucro é suficiente para pagar os financiamentos contraídos para investimento".

### Agradável surpresa

A alta de preços neste início de ano tem sido uma surpresa tão inesperada quanto agradável.

No final do ano passado, analistas apostavam que no início de 2005 a soja seria negociada entre US\$ 4,25 e US\$ 4,75 o bushel (US\$ 9,37 a US\$ 10,47 a saca) em Chicago. Neste ano, contudo, o menor preço alcançado pelo contrato de maio foi de US\$ 5,02 o bushel, ou US\$ 11,07 a saca de 60 quilos.

Essa reação de preços em Chicago pode ser explicada por movimento especulativo, mas também por um mix de fatores fundamentais. Como os preços da soja estão perigosamente baixos, os sojicultores americanos seguram a safra esperando obter o maior volume possível de subsídios. A seca no Sul do Brasil e a capitalização dos agricultores argentinos — que preferem ter soja a pesos — ajudam a evitar uma queda generalizada.

"Os produtores precisam entender que esta alta é apenas uma janela de oportunidade que vai desaparecer dentro de 15 ou 30 dias", acredita Lafelice. Anderson Gomes, da consultoria **Celeres**, concorda. "A alta é meramente especulativa e não deve se sustentar. Como se diz em inglês, esse é o pulo do gato morto", diz. "Se eu fosse sojicultor, venderia parte da minha produção nestes níveis de preço para evitar perdas maiores durante o pico da colheita, entre os meses de março e maio", afirma.

Mas nem sempre o desejo de vender basta para a realização de um negócio. "O País vai colher uma supersafra de 61 milhões de toneladas de soja e a indústria sabe que não vai faltar mercadoria. Por isso, saem poucos negócios, embora os preços estejam em patamares remuneradores para o agricultor", diz Renato Sayeg, diretor da Tetras Corretora. Ele diz que as indústrias estão trabalhando com estoques reduzidos, apostando numa queda de preços. "Há fabricas que trabalham com estoques de apenas cinco dias, quando historicamente o volume armazenado seria suficiente para a moagem de 30 dias", afirma.

Prova disso é que a comercialização ainda está difícil. Estima-se que apenas 20% da safra tenha sido comercializada, ante uma média histórica de 35% para esta época do ano.

As razões para a lentidão das vendas e produto do desinteresse de compra da indústria, mas também de ganância do produtor. "Há quem acredite que os preços subam ainda mais, mas não há nenhuma evidência de que eles voltarão aos níveis de US\$ 17 vistos no passado", diz Lafelice.

Prova disso é que, apesar da alta momentânea de preços no início deste ano, os analistas ainda mantêm sua previsão de que os preços da soja ficarão abaixo dos US\$ 5 o bushel.

O quadro só poderá mudar caso problemas climáticos atrapalhem o plantio da soja nos Estados Unidos, o maior produtor mundial da oleaginosa. "Mas isso é mera especulação. Se essa possibilidade não se concretizar, a queda pode ser ainda maior", diz Gomes.